



Passaporte para o futuro

TECNOLOGIA Contra o desastre ambiental, inovação e planejamento

POR SÁVIO DE TARSO*

O BRASIL DO FUTURO precisa unir três conceitos: planejamento, inovação e sustentabilidade. É essa a principal conclusão dos especialistas reunidos em mais um debate da série Diálogos Capitais, realizado em São Paulo, na terça-feira 21. Dedicado a lançar luzes sobre os dilemas deste século, o evento tratou de temas como a escassez de água, a criatividade na busca de modelos e

tecnologias e o desenvolvimento equilibrado do meio empresarial.

Energia e clima dominaram os diálogos entre Francisco Gaetani, secretário-executivo do Ministério do Meio Ambiente, Marco Antonio Fujihara, da Key Assosiadados, e Tasso Azevedo, engenheiro florestal e especialista em mudanças climáticas. Segundo os debatedores, é necessário manter a matriz energética brasileira a mais limpa possível e construir uma governança climática capaz de deter

ou reduzir a alteração da temperatura global em no máximo mais 2 graus centígrados. "Já há uma corrente que acredita em um aumento de 4 graus", alertou Azevedo, para quem este não é um destino manifesto e ainda pode ser contido. Segundo ele, a conta é simples, mas o resultado precisa de uma decisão política global. "Hoje, o mundo produz 1,2 mil dólares por tonelada de carbono, precisamos chegar a 20 mil por tonelada emitida até 2050."

Uma mudança dessa magnitude exige não apenas inovação na geração de energia. Tão importante quanto é a busca por processos mais eficientes de produção em todas as cadeias de valor da humanidade. "Tudo precisa ser produzido de forma mais eficiente, com muito menos desperdícios de energia e materiais", explica Fujihara, que atua na gestão de fundos na área de inovação e sustentabilidade. Essa constatação não é nova, foi explicitada durante a Rio+20, quando

Francisco Gaetani, Ministério do Meio Ambiente

Tasso Azevedo, engenheiro florestal

Marco Antonio Fujihara, KeyAssociados



Lala Deheinzelin vê o limiar da Prosperidade 4-D, baseada na cultura, informação e conhecimento

é preciso aproveitar as brechas no dia a dia, como a redução do horário em trabalhos penosos e a transformação no modo de vida de cada indivíduo, aos poucos, em direção a um ambiente mais saudável. “A criatividade, a nova economia, não depende de horas de trabalho, mas das condições de trabalho. No século XX, eu tinha um relógio e passava pra você, aí deixava de ter o relógio. Agora, se eu tenho uma ideia, e ligo o passo a ideia, eu continuo com ela. Saímos do modelo de pirâmides e assistimos à emergência do modelo de redes.”

Redes inteligentes são realidade em diversas áreas. Uma experiência interessante no setor de energia foi apresentada pelo diretor do Instituto EDP (Energias de Portugal), Pedro Sirgado. Em Portugal, na cidade de Évora, donos de veículos

elétricos podem carregar as baterias durante a noite a preço baixo e, se quiserem, revender a valores mais altos durante o dia. Um chip na tomada identifica a carga da bateria e pergunta se o condutor quer vender o excedente. O executivo explicou que a EDP oferece mais por essa energia para não pagar mais caro por aquela de origem termoelétrica. A opção também reduz as emissões de carbono.

É a dinâmica que emerge de um modelo compartilhado e estimulador desse tipo de solução inovadora. “Mas as regras do jogo continuam no passado, é preciso preparar as estruturas da sociedade para a vida em um mundo onde o ser é mais importante do que o ter”, advertiu Ladislau. Nessa diferença está incrustada a pedra filosofal do nosso tempo. •

*Colaborou Dal Marcondes.



o Brasil atuou como o grande construtor de acordos. “O Brasil é um país com múltiplas opções em energia e modelos, o mundo nos observa em busca de exemplos”, disse Gaetani.

Os entraves para as mudanças estão nas coisas mais banais, lembra Fujihara. “Se eu instalar placas solares em minha casa, vou ter de pagar impostos, assim como é ridícula a incidência de ICMS para a produção de energia eólica ou solar.” Isso se reflete na redução do percentual de energia limpa na matriz brasileira. “Já tivemos 54% de geração renovável e neste ano estamos em 41%, com risco de cair ainda mais”, aponta Azevedo. De acordo com o Plano Decenal recém-publicado pelo Ministério das Minas e Energia, diz ele, a geração solar chegará a 2,3 gigawatts em 2023. “Isso é o que a China implanta a cada dois meses.”

Os entraves que bloqueiam a inovação integram um modelo linear que, aos poucos, cede espaço a novas formas de interação socioeconômica. “Quando a gente fala em inovação, pensa em produto, que é hardware”, exemplificou a futurista Lala Deheinzelin. “O grande diferencial é a inovação de processos: conhecimento, diplomacia, criação de ambiente favorável, inteligência, o que a gente ainda não vê incentivado no Brasil.” Segundo a futurista, “tudo aquilo que motiva os seres humanos, a linguagem, o software, a dimensão simbólico-cultural”, deve ser acrescentado ao modelo econômico-social-ambiental da sustentabilidade, evoluindo para a “Prosperidade 4-D”. Nesse modelo, explicou, “a matéria-prima capaz de gerar a abundância, em oposição à economia da escassez, são os recursos intangíveis, aqueles que não se esgotam, como conhecimento, informação e cultura”. Valores compartilhados geram mais valor e não escassez, compara.

Para o economista Ladislau Dowbor, da PUC de São Paulo, a transformação de modelos não se dá de forma repentina e